



O app Google Earth, o ensino de geografia e crianças em processo de alfabetização

The Google Earth app, geography teaching and children in the literacy process

10.56238/isevmjv3n2-007

Recebimento dos originais: 06/03/2024

Aceitação para publicação: 26/03/2024

Auriceli de Lima Suzano

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8847-3560>

Mestranda no curso PROFGEO na UERJ/ Maracanã/ RJ,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Graduada em Geografia (UERJ) e Pedagogia (UNIRIO)

E-mail: auriceli.profgeografia@gmail.com

RESUMO

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação são ferramentas que podem auxiliar no dia a dia da vida, assim como oferecem suporte para contribuir na sala de aula com o objetivo de instrumentalizar no ensino de geografia. Este trabalho apresenta um relato de experiência em sala de aula, com crianças de 06 (seis) e 07 (sete) anos de idade na qual é utilizado o aplicativo Google Earth para demonstrar o quanto as crianças em fase de alfabetização expressam e se utilizam de conhecimentos geográficos de forma significativa e espontânea no seu cotidiano. Contudo, apresentam-se críticas sobre os riscos de uma romantização quanto ao uso das tecnologias de informação e comunicação. Posto isso, descreve-se o passo a passo desde a chegada na escola até o momento da utilização do aplicativo, a frustração em não conseguir na primeira aula utilizá-lo, a dificuldade de acessos necessários. As falas das crianças são transcritas, suas reações enquanto acompanham e visualizam as imagens que o aplicativo Google Earth disponibiliza, durante a aula proposta e realizada. Ao final, são apresentadas algumas imagens que revelam como as crianças expressam em desenhos as suas espacialidades vivenciadas. Assim, defende-se a possibilidade e importância que desde o ensino fundamental I, inclusive em turmas de alfabetização de crianças de 06 (seis) e 07 (sete) anos de idade, demonstra-se concebível oportunizar o desenvolvimento de atividades que corroboram para a construção de ideias de conhecimentos pertencentes do ensino de geografia escolar com as crianças que estão no início do processo de alfabetização de sua língua.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Alfabetização, TDIC na sala de aula.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma aula realizada com o interesse de enfatizar que o Ensino de Geografia pode ser praticado desde os primeiros anos de escolaridade da Educação Básica na escola pública, e inclusive com crianças que estão em processo de alfabetização. As crianças são alunos da turma 101 que compreende o primeiro ano de escolaridade do Ensino Fundamental I, da Educação Básica. São 20 alunos com idade entre 06 (seis) e 07 (sete) anos de idade, estudam no



CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) 220 Yolanda Borges que está localizado no 2º (segundo) Distrito do Município de Duque de Caxias, bairro Figueira no estado do Rio de Janeiro.

Na aula realizada foi apresentado o aplicativo Google Earth para a turma 101, com crianças em processo de alfabetização. A escolha do aplicativo Google Earth foi idealizada como proposta para atender os seguintes objetivos: analisar a partir das expressões nas falas durante a aula e no desenho das crianças os tipos de relações e saberes sobre o espaço e lugar das crianças da turma; como se utilizam de suas observações sobre o espaço e o lugar em que elas circundam, caminham e vivenciam entre o trajeto da escola até suas casas; a percepção de distância por meio de visualização de longe e perto através na dimensão de escala que o aplicativo apresenta. Com o propósito de idealizar conhecimentos e saberes geográficos das crianças da turma 101, defende-se que o Ensino de uma Geografia significativa no ambiente escolar tem importância desde os primeiros anos de escolaridade na vida humana. O presente artigo quer argumentar que para investir na construção da alfabetização cartográfica, na formação dos leitores do espaço cartográfico, fazer interpretação das linguagens do processo e dos letramentos na cartografia, será necessário oportunizar por um ensino da Geografia de forma significativa, a partir do lugar e dos conhecimentos advindos dessas crianças. Este documento reconhece que as tecnologias têm um papel de ressignificação dessas linguagens por facilitarem a entendimento da representação do espaço que vivemos, a visualização dos espaços, das imagens dos lugares de uma forma mais clara trazendo uma oportunidade para que os alunos e as crianças compreendam a linguagem cartográfica com um novo formato. Para instigar e trabalhar na sala de aula com tais habilidades precisaremos nos apropriar e compreender de saberes e conhecimentos que pertencem ao campo de ensino de Geografia. Para fundamentar tal defesa se busca por acolhimento na argumentação da autora Canto (2018):

Quando se trata de ensinar e aprender Geografia, a cartografia aparece como uma das principais linguagens mobilizadas neste processo. Professores e alunos de diferentes níveis de ensino reconhecem nos mapas um tipo de “texto” e conhecimento próprios desta disciplina escolar, por lhes possibilitarem a expressão e comunicação de diferentes fenômenos geográficos, bem como a significação de uma diversidade de conceitos e pensamentos espaciais. Com isso, a cartografia já vem sendo há algum tempo pensada como uma forma de “leitura e escrita” necessária à aprendizagem da Geografia (p.07).

Com as anotações, apontamentos, espera-se detectar os conhecimentos narrados pelas crianças sobre o espaço e o lugar onde elas interagem, como percebem os seus espaços por onde circulam, suas observações a respeito de elementos presentes e modificados nesse contexto, e dessa forma ter a possibilidade de dispor dessas inferências. A hipótese e relevância é destacar a Geografia no processo de alfabetização pelas quais as crianças estão envolvidas nessa etapa da



vida escolar, neste momento, em consonância com Lopes e Mello (2009), compartilhando do pensamento de que:

O espaço das crianças é, portanto, um espaço geográfico, e pensar suas ações sobre este deve ser percebido nestas condições. A experiência sensório-motora, a percepção ambiental não pode ser compreendida apenas como um conjunto de maturações e ações pela, mas sim com planos culturalmente construídos, em que o processo de mediação está sempre presente (p. 128).

Com atividades que estejam voltadas para o Ensino de Geografia das crianças, temos a possibilidade de interferir e mediar alguns conhecimentos da Geografia trabalhando entre as crianças pequenas com a ideia de construção de certos conceitos que são propriedades da Geografia escolar, conforme seja possível de se realizar. Na próxima parte do texto, sobre a metodologia descreve-se essa aula planejada e executada na turma 101, apesar de muitos percalços encontrados ao planejar e fazer aulas significativas com os nossos alunos dentro da escola pública.

2 METODOLOGIA

Antecedendo a aula proposta, a professora conversou com as crianças sobre a existência, função e utilização do aplicativo Google Earth durante uma semana inteira. Por meio de tablet pessoal, foi apresentado o aplicativo para as crianças. Mas, a imagem no tablet é pequena para apresentar para a turma em sala de aula, sendo assim houve a necessidade retomar a tarefa em outro momento. Para a realização da atividade foi necessário disponibilizar a sala de vídeo da escola para usar a televisão, que tem tela ampla, requisito necessário para que as crianças explorassem uma visão ampliada dos espaços disponibilizados pelo aplicativo.

Em outro dia, após executar a rotina diária de chegada, alimentação e acomodação em sala de aula, a turma foi direcionada pela professora para ir à sala de vídeo, que havia sido agendada anteriormente, e então realizar a ação planejada que era acessar o aplicativo Google Earth. Esta primeira iniciativa não deu certo porque a televisão não estava com acesso ao aplicativo apesar de existir o acesso de internet na televisão. Foi necessário agendar nova data, onde a professora levou seus recursos próprios para complementar os instrumentos necessários. Para concretizar a atividade, foi preciso utilizar equipamentos pessoais como: notebook, cabo hdmi, adaptador, celular, tablet e internet.

Na nova data planejada, fizemos a nossa rotina inicial de sempre. De porte do notebook particular, cabo de hdmi, adaptador e celular com pacote de dados caso a internet da escola não fosse possível de acessar na sala de vídeo, a professora e a turma dirigiram-se ao espaço agendado.



Finalmente, ocorrerá a ocasião em que conseguiremos acessar o aplicativo Google Earth, momento esperado por todos e que foi motivo de alegria das crianças da turma 101.

A primeira visão que se tem ao entrar no app é a Terra, vista do alto, girando, com aspecto de vida ativa. Ao digitar na pesquisa de endereços do app, o CIEP 220 Yolanda Borges, o aplicativo realiza um movimento de mudança de lugar. O movimento visual a partir da operação do aplicativo traz uma sensação como se estivéssemos viajando até o endereço do CIEP 220, em perspectiva 3D. A visão que o aplicativo nos apresenta é o bairro, as ruas, o quarteirão onde fica localizado o CIEP 220 e seus arredores, apresentando o local com visibilidade de cima, do alto. As crianças reconheceram a localidade, o CIEP 220, as ruas. Com isso, apresentamos a seguir alguns dos resultados e questionamentos, que compõem parte da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de apresentar alguns dos resultados, cabem alguns esclarecimentos e críticas. Uma questão a elucidar é sobre o acesso à internet, pois esta não é uma realidade para todos. Nas escolas públicas que há acesso de internet, raramente é disponibilizada ao aluno., e nem sempre aos professores. É direcionada para o funcionamento da secretaria da escola, da equipe de direção. Esta é uma realidade presente, a internet não está, ainda, enquanto recurso pedagógico no trabalho dos professores com seus alunos. Existem inúmeras questões que defendem esse tipo de prática, mas reafirma-se que, para que se realize esse tipo de atividade em sala de aula, se faz necessário ter internet e equipamentos apropriados disponíveis ao uso de professores e alunos.

Na busca por uma prática de ensino que seja significativa para os alunos, esta atividade na turma demonstra que o ensinar Geografia é dispendioso, é caro, é trabalhoso e necessita de equipamentos. Essas questões trazem algumas perguntas: quem vai sustentar esse tipo de prática, esse tipo de aula, esse tipo de educação?

Para fundamentar a problemática que se destaca quando se propõe pelo Ensino de Geografia a partir de uso das tecnologias, menciona-se o termo gambiarra utilizado pela autora Tonetto (2022). Neste texto questiona-se que a aula de Geografia de forma significativa, a fim da construção da ideia de uma alfabetização cartográfica, quando se trata da ideia da construção de mapas, de reconhecimento do lugar, das paisagens presentes, que se pretende trabalhar na ideia de conceitos geográficos, essa Geografia está sendo gambiarra? Com a apropriação do termo utilizado pela autora Tonetto (2022):



Primeiro, poderíamos dizer que a gambiarra nos remete no sentido mais corriqueiro da palavra a: geringonça, a coisa provisória, a falta, a precariedade, a escassez, uma exceção, assim, “no cotidiano, o termo se refere a soluções improvisadas de problemas, em geral, precárias e provisórias” (SEDLMAYER, 2017, p. 13), mas que muitas vezes se tornam a regra, por “n” motivos, mas em geral por falta de recursos (p.34).

Diante da precariedade de condições materiais para tal, da carência que existe e para que os professores façam aulas interessantes e significativas se faz necessário o uso de equipamentos e recursos próprios!

Isto posto, voltando à atividade realizada, o aplicativo Google Earth desenvolveu uma imagem nítida do espaço que estava endereçando durante essa aula. Lembrando que nem todos os espaços são acessíveis, geralmente dentro de comunidades não se tem acessibilidade a todos os lugares existentes e o aplicativo responde que não tem visualização acessível, então nem todos os espaços geográficos o app vai conseguir disponibilizar a visualização dos lugares. Talvez pelo controle local territorial de facções e milícias, falta de instabilidade da internet, entre outros motivos.

Todas as crianças ficaram impressionadas ao observar pelo aplicativo a Terra, o planeta em que vivemos. Elas identificaram facilmente a Terra, suas falas foram: “Professora é a Terra!”; “A Terra é o planeta da gente.”; “O que é isso, as cores, azul, verde?”; “É a água que é o azul e a terra é o verde.”. Por fim, pediram para ver a África! E ao digitar África na caixa de endereços do app, o movimento de troca de um lugar ao outro levou a visualização da representação do continente africano visto do alto. A partir disso, a sugestão era observar o Brasil. E novamente, os movimentos do app conduz a sensação de troca de lugar a outro. Os alunos foram acompanhando e então disseram: “Tia, eu quero ver a escola!”. Enquanto as crianças visualizavam as imagens, houve a explicação de que o aplicativo é construído com imagens, como fotos, dos lugares que se juntam e criam as imagens que estamos visualizando, que não são câmeras ao vivo, que não mostram em tempo real os locais que estamos vendo, pois as crianças costumam achar que as imagens são feitas em tempo real.

Foi explicado que a visão que temos nesse momento pelo app é de cima para baixo, que as retas em tom cinza são as ruas, que estamos visualizando os telhados de casas e outras construções, e o CIEP 220. Ainda, foi dito que, quando temos uma visão de cima para baixo, é como se a gente estivesse no alto olhando o prédio do CIEP lá embaixo, e assim temos a visão do telhado do prédio das salas do CIEP 220, do teto da quadra e o teto da biblioteca, o quintal do CIEP 220, com árvores, gramado, a cerca, o portão do CIEP 220 e a calçada por onde entramos e caminhamos do portão até o prédio da escola. No que concerne à escola, o que mais foi destaque de atenção pelas crianças



foi a entrada da escola, o caminho e a calçada por onde as crianças percorrem ao entrarem e saírem do CIEP 220.

As crianças da turma 101 observaram a dinâmica que o app oferece ao deslocar a visão de cima para baixo para visualizar pelo centro da rua em direção à frente do portão do CIEP 220. As crianças ficaram maravilhadas com esta movimentação espacial. Nesse momento, a aluna KY (06 anos) apontou onde fica sua mãe que tem um trailer de doces na calçada em frente à rua da escola. Observa-se que a calçada e muro da construção em frente à escola tem cor diferente do tempo atual, confirmando para as crianças que a visualização das imagens não estão ao vivo, não são filmagens do tempo de agora.

Uma outra aluna disse que mora perto da escola e perguntou se poderia realizar o caminho que ela faz da escola até sua casa pelo app. A aluna KA (06 anos) foi falando: “vai para a frente, vira para lá (e indicava com mão se virava à direita ou à esquerda). Ao acompanhar as orientações da aluna da turma 101, KA, a menina observou que no trajeto das imagens do app apresenta um bar que no momento real não existe mais, atualmente há outro tipo de comércio, uma loja segundo a aluna. Enquanto isso, as outras crianças foram se pronunciando, reconhecendo a rua, as construções, dizendo que suas casas estariam próximas do caminho que KA indicava. Algumas falas de outras crianças: “se for para este lado aqui, é a rua da minha casa”; “a minha casa fica nesse beco”; “nesse beco fica a casa de SO”. Até o momento em que o app reconfigurou a imagem e passou a visualizar o bairro da Figueira (lugar onde está localizado o CIEP 220) visto do alto, de cima para baixo, as ruas, morros verdes sem construções, telhados de casas e demais construções distribuídas pelos quarteirões.

Aqui, encerrou-se a execução do aplicativo, pois percebeu-se que havia se alcançado os objetivos e finalidades principais ao apresentar o aplicativo Google Earth para as crianças da turma 101. Ficou combinado de retomar a atividade com o app novamente, em outro dia, porque as crianças gostaram e pediram para ver mais lugares. Com essa experiência, destaca-se novamente a fala do autor Lopes e Mello (2009):

(...) as crianças vivem o seu espaço em sua plenitude geográfica, estão presentes nas paisagens, deixando suas marcas, e constroem/ destroem suas formas, estabelecem lugares e territórios, vivem seus afetos, seus desejos, poderes, autorias e heteronomia. Inventam-nos, arquitetam e desarquitetam, aceitam-nos, negam-nos, seja no campo da percepção ou da representação (p. 128-129).

Dentro desse contexto, a atividade realizada descortinou os pensamentos e formas geográficas que as crianças da turma 101 se relacionam, memorizam, direcionam, se movem pelos seus espaços dentro da escola, na rua, pelo lugar onde vivem. No retorno para a sala de aula, foi



solicitado as crianças que expressassem seu próprio mapa com o caminho de casa até a escola. As crianças dialogaram em seus desenhos, cada um do seu jeito, fotos foram retiradas de seus desenhos, que estão guardadas em arquivos. A partir dessa atividade, as crianças reforçaram a pesquisa de mestrado no PROFGEO em andamento e têm provocado o surgimento de outras ideias para esta pesquisa que está em processo de desenvolvimento. Este trabalho está sendo elaborado na perspectiva de realçar o quanto as crianças têm de conhecimentos geográficos vivenciados em seus cotidianos, em relação ao trajeto que fazem de casa até a escola, e dos lugares que circundam, nas formas de leituras que realizaram em mapas do app que foi apresentado a elas, como reconhecem seus espaços vividos e se localizam no mapa 3D que representam estes espaços pelos quais elas circulam. Por fim, crianças de 06 (seis) e 07 (sete) anos da turma 101, que ainda não têm o domínio da leitura e escrita do código alfabético, que estão em fase de alfabetização da língua materna, elas conseguem se localizar, indicar caminhos, apontar e reconhecer o lugar e os elementos existentes nos caminhos, identificam os elementos que foram modificados no espaço dos caminhos que elas circulam no dia a dia. Neste contexto estaríamos encaminhando formas de pensar e ideias conceituais do Ensino da Geografia a respeito de lugar, paisagem, território, escala, entre outros.

Assim como apontam os estudos do autor Lopes (2013), este artigo defende que as crianças se desenvolvem a partir de vivências significativas:

Dessa forma, inicialmente, a criança consegue apenas perceber o espaço através de seu próprio corpo em contato com objetos, utilizando os sentidos. Num primeiro momento, o seu espaço é de vivência: compõe-se dos lugares onde brinca, passeia e dos objetos que aí existem e que ela utiliza. As relações espaciais se desenvolvem e se tornam mais complexas à medida que ela amplia seu espaço de ação (p.287).

Massey (2008) menciona o espaço como a esfera da multiplicidade. E assim as crianças em suas falas, em seus desenhos enquanto expressam as suas espacialidades, do seu lugar no mundo, nos demonstram suas formas de entender, criar e ressignificar o espaço por onde se deslocam no seu trajeto de casa-escola. Alguns desenhos/ registros através dos quais as crianças se expressam pelo imensurável universo geográfico infantil da turma 101 podem ser observados nas figuras 1, 2, 3 e 4.

Figura 1 - Fonte: Fotografia da autora (2023)



Figura 2 - Fonte: Fotografia da autora (2023)



Figura 3 - Fonte: Fotografia da autora (2023)

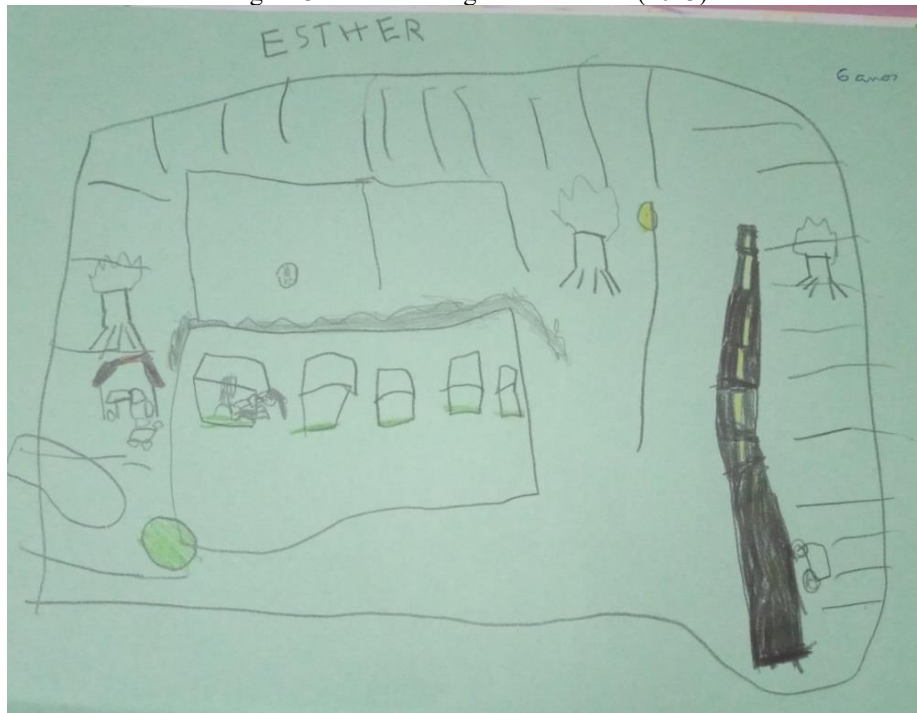


Figura 4 - Fonte: Fotografia da autora (2023)





Essa experiência foi muito importante, pois reafirma que sim, existem conhecimentos geográficos no universo infantil das crianças, neste caso, estudantes cursando a fase de alfabetização aos seis e sete anos de idade. Essas crianças que ainda não têm o domínio do código alfabético estabelecido socialmente para leitura e escrita do nosso idioma, trocam as letras da posição do nome delas porque ainda não se apropriaram da grafia das letras do nome e do alfabeto, porque ainda não memorizaram a posição das letras, ainda não são plenas enquanto leitoras e escritoras do idioma, mas demonstraram que são capazes de conhecer e indicar o trajeto que elas fazem, identificam os elementos presentes no seu espaço por onde circulam e os elementos modificados nestes, reconhecem o seu lugar onde moram, vivem, estudam em diferentes ângulos e escalas apresentados pelo app na sala durante esta aula

Nesta pesquisa com as crianças muitas são as questões que elucidam e motivam a sua continuidade. A proposta tem sido sobre escrever como se relaciona o ensinar a Geografia na escola básica desde o fundamental I, enfatizando a fase de alfabetização das crianças, numa perspectiva de ensino da Geografia significativa, para esta seja compreendida e reconhecida no cotidiano da vida. E como a escola pode reconhecer essas propriedades da Geografia no pensamento das crianças? Como a escola pode trabalhar esses conhecimentos geográficos? Como os professores podem trabalhar essas habilidades, essas formas de ver, sentir, perceber o mundo geograficamente pelas crianças? Como identificar atributos do pensar das crianças quando se trata do Ensino de Geografia, uma Geografia enquanto prática da vida, presente do cotidiano, que se utiliza de conhecimentos geográficos?

As crianças se utilizam desses saberes da Geografia demonstrados na atividade de uma forma muito espontânea, natural, sem que tenha um professor ensinando o conteúdo anteriormente para que elas consigam se localizar, identificar seu lugar, seu caminho, enfim perceberem-se geograficamente em suas vidas. E como a escola poderá identificar e valorizar esses saberes e conhecimentos voltados para a Geografia afim de explorar esses saberes dos quais as crianças reconfiguram continuamente? Estas são algumas das perguntas que interessam a esta pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente artigo, denota-se a importância de invocar as possibilidades de falar sobre o Ensino da Geografia, da necessidade que temos para trabalharmos com uma Geografia significativa nas escolas, e as dificuldades para realizar, de acessar as tecnologias como recursos que auxiliam no Ensino da Geografia escolar. Observa-se que, as tecnologias, plataformas e aplicativos educacionais estão aí presentes na sociedade, todos têm acesso a estes, os nossos alunos



estão se utilizando de tais tecnologias de alguma forma. Nós, professores de Geografia estamos inseridos nesse contexto e a nossa função continuará sendo a de trabalhar a crítica dentro do que nos é possível nos espaços que nos permitem.

Uma outra problemática que envolve o ensino da Geografia é que para trabalhar o aplicativo Google Earth com os alunos, com a atividade que foi descrita, ocorreu de complementar com os equipamentos e recursos necessários para a realização da aula. Para apresentar e encontrar o objetivo proposto, encontrar na fala das crianças os saberes que elas trazem, que é natural delas porque eles vivenciam todos os dias, a relação com a espacialidade que as crianças têm com o mundo, se fez necessário utilizar de recursos próprios nesta experiência relatada, mas esta não é a prática educativa desejada.

Constatou-se que a leitura e a apropriação de conhecimentos relacionados a mapeamento, a cartografia, de localização, como as crianças se locomove e se localiza no espaço que elas circulam, do lugar delas, o observar, reconhecer e descrever o lugar que elas estão inseridas, são particularidades latentes nas crianças da turma 101. Essa redescoberta que não é algo novo de se falar, pelo contrário trata-se de um discurso presente, é uma abordagem utilizada para reivindicar e defender o Ensino da Geografia inclusive com essas crianças que ainda estão na fase de alfabetização porque dentro do universo delas existem conhecimentos/ saberes pertinentes da Geografia que elas sabem, que elas conhecem e utilizam.

E por último, e é a questão da utilização das tecnologias. Para a professora da turma, 101 tudo é novidade, pois a própria não conhece o local delas, não é moradora da região onde a escola está inserida, pois ela mora em outra cidade, o lugar delas é um espaço de aprendizagem para a professora desta turma da pesquisa. Acessar o Google Earth requisitou que a professora da turma encontrasse meios próprios para ter equipamentos que a escola não dispunha. Para que se tenha esse tipo de aula, que seja significativa e agradável, uma aula de descobertas, trabalhando e valorizando a bagagem de saberes das crianças, precisaremos de quem vai ofertar e garantir que se tenha os acessos necessários em escola pública. O professor necessita ter um espaço na escola, uma sala para levar o aluno e ali demonstrar no equipamento da escola, o aplicativo e desenvolver com os alunos, as habilidades que são campos de saberes da Geografia com todos os equipamentos pertencentes à escola pública.

O ensino da Geografia envolve muitas questões e o professor não tem como assumir todos os compromissos sozinho, o professor é uma parte integrante da educação que trabalha, assume muitas funções, disponibiliza e compartilha ideias, mas o professor não consegue resolver todos os problemas sozinho na sala de aula com seus alunos.



Professora e Professor de Geografia defendem a existência e a permanência da Geografia, luta-se pela renovação do ensinar e do aprender a Geografia, se discursa que a Geografia é necessária e valorosa enquanto ciência pela vida. Ousadamente se tem de querer a presença de uma Geografia Significativa nas salas de aulas de nossas crianças, pela esperança de que a nossa ciência geográfica esteja sendo ressignificada permanentemente em nossas escolas pelas redes de educação pública brasileira.



REFERÊNCIA

CANTO, T. S. (2018). Os mapas e as tecnologias digitais: novos letramentos em pauta no ensino de Geografia. *Perspectiva*, 36(4), (p.1186–1197).

<https://doi.org/10.5007/2175-795X.2018v36n4p1186>

LOPES, J. J. (2009). O ser e estar no mundo: a criança e sua experiência espacial. In MELLO, M. B. (Orgs.). *O JEITO QUE NÓS CRIANÇAS PENSAMOS SOBRE CERTAS COISAS: dialogando com lógicas infantis*. (pp.119-132). Rovellet.

LOPES, J. J. M. (2013). Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista de Educação Pública* [S. l.], v. 22, n. 49/1, (p.283–294).

DOI:10.29286/rep.v22i49/1.915.

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915>.

MASSEY, D. (2008). *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. (3. ed. H. P. Maciel; R. Haesbaert) Bertrand Brasil.

TONETTO, É. P. (2022). Tecnologia é gambiarra. In: Giordani, A.; Filho, A. C. Q.; Oliveira, A. G. & Tonetto, É. P. *Linguagens do desaprender: gestos intensivos e política dos afetos*. (pp.31-49). Evangraf.

URL: <http://hdl.handle.net/10183/254805>